

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



A influência luterana na hermenêutica de Schleiermacher: O início de uma interpretação científico-teológica das sagradas escrituras

The lutheran influence on Schleiermacher's hermeneutics: The beginning of a scientific-theological interpretation of the sacred scriptures

Caroline Julie da Rosa Cougo ^[a] 

São Leopoldo, RS, Brasil

Faculdade EST

Como citar: COUGO, Caroline Julie da Rosa. A influência luterana na hermenêutica de Schleiermacher: O início de uma interpretação científico-teológica das sagradas escrituras. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 8, n. 2, p. 38-55, jul./dez, 2023. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.08.02.p38-55> DOI:

<https://doi.org/10.7213/2318-8065.08.02.p38-55>

Resumo

Este artigo tem o objetivo de relacionar as obras de Martinho Lutero com as de Friedrich Schleiermacher, com a exposição dos pontos em comum de ambas hermenêuticas. Aqui há um apanhado geral da história e da obra de ambos, com um resumo dos principais tópicos de estudo de ambos. Aprendemos como Lutero começou um movimento protestante e como, passados duzentos anos, este movimento continuou a inspirar outros, que perduram até os dias atuais. Há, também, nesta

análise, uma retomada dos pontos teológico-hermenêuticos principais, como a resolução do mal-entendido, a experiência humana como foco de análise, a dialética, a linguagem, o foco no autor, a centralidade em Cristo, a espiritualidade e a busca pelo significado real das Escrituras a partir da compreensão do autor, ou, conforme a visão de Lutero, do Espírito Santo. Demonstra-se, aqui, tanto as convergências quanto as divergências de ambos os estudiosos e como a reforma protestante inspirou, centenas de anos depois, uma revolução na hermenêutica.

Palavras-chave: Schleiermacher. Lutero. Hermenêutica teológica.

Abstract

This article has the objective of relating the works of Martin Luther with the Friedrich Schleiermacher's ones, displaying the points in common in both hermeneutics. Here, it is brought a general overview of the history and the research of both of them, presenting an outline of the main study topics of them. We learn how Luther started a Protestant movement and how, more than two hundred years later, this movement kept on motivating other ones, that are still happening nowadays. There is, also, in this analysis, a resumption of the main hermeneutic-theological matters, such as the solution of the misunderstandings, the human experience as a focus of analysis, the dialectics, the language, the focus on the author, the focus on Christ, the spirituality and the search for the real meaning of the Scriptures from the author's comprehension, or, as in Luther's view, the Holy Spirit. It is demonstrated here, the convergences and the divergences of both scholars and how the protestant reform inspired, hundred of years later, a revolution on hermeneutics.

Keywords: Schleiermacher. Luther. Theological hermeneutics.

Introdução

Para Schleiermacher, a revelação divina só ocorria para alguém. Sendo assim, ele tinha uma abordagem teológica muito mais pessoal do que os outros teólogos que vieram antes dele. Seu principal diferencial era unir um pouco da psicologia com suas pesquisas teológicas. Ele buscava entender a revelação divina a partir do ser humano que a receberia. Procurava entender textos a partir de uma psicologia do autor para saber de fato o que ele queria dizer com o que dizia. Lutero, centenas de anos antes, já dizia que teríamos que buscar o real sentido da Bíblia, tentando entender o real sentido da escrita do Espírito Santo revelada a nós.

A visão de que a palavra de Deus é como um todo, compreendido pelas partes, também defendida por Lutero, em muito relaciona-se com o círculo hermenêutico de Schleiermacher. Ambos viam a relação necessária a se fazer entre texto, autor e leitor. Estas, porém, não são as únicas semelhanças entre os dois teólogos. Este artigo procura demonstrar como e em que áreas Lutero foi uma inspiração, teologicamente, para Schleiermacher.

Este artigo busca sanar a curiosidade sobre a inspiração que Lutero pôde realizar em alguns teólogos posteriores, como o alemão Friedrich Schleiermacher. Muito se menciona sobre a contribuição que Schleiermacher fez para a hermenêutica, porém pouco sobre a relação entre ele e quem primeiramente preparou o caminho para uma hermenêutica teológica. Lutero foi uma inspiração para todos os protestantes que vieram após ele, e, com a tradução da Bíblia de modo a fazer com que ela ficasse disponível ao maior número possível de pessoas, Lutero permitiu que, mais tarde, a hermenêutica teológica fosse criada, e tudo a partir da famosa frase *sola scriptura*.

Objetivamente, este é um trabalho analítico, buscando respostas de diferentes obras; é uma leitura e análise das primeiras correntes de pensamentos hermenêutica-teológicas. O objetivo é fazer um apanhado das primeiras obras teológicas e relacionar os pioneiros da análise científica e exegética da Sagrada Escritura. O método aqui utilizado é o de relacionar obras e fazer uma leitura acompanhada do leitor, pinçando pontos de relação entre dois autores importantes para a Teologia. Em cada seção, há uma análise da obra geral de cada um dos teólogos e, após, uma seção apenas de convergência entre eles.

Este tema, assunto e metodologia são relevantes, principalmente a novos estudantes de Teologia, pois, não raro, alguém que começa a estudar hermenêutica pode se sentir perdido entre tantos autores e tantos ramos de estudo, sem conseguir relacionar um autor ou uma autora a outro(a), ou uma ideia a outra. Aqui, um novo pesquisador pode encontrar a relação entre dois nomes que revolucionaram os estudos teológicos e entender como um assunto ou um autor inspirou outro, como um verdadeiro círculo hermenêutico.

Em termos de estudos científicos, centenas de anos são considerados poucos. Um autor ou uma autora de milhares de anos atrás pode nos inspirar a criar uma nova teoria hoje. A escrita permite isso. Inclusive, a hermenêutica é muito importante justamente por permitir uma melhor interpretação da escrita - ou de outras maneiras de comunicação que não necessariamente seja escrita - para que possamos aplicar da melhor maneira possível um entendimento sobre determinado assunto.

A Bíblia, em meados dos anos 1500, carecia de mais interpretação, carecia de mais atenção e mais acesso. Vejamos aqui, neste artigo, como essa necessidade acabou sendo sanada por Lutero e como, centenas de anos depois, Schleiermacher desenvolveu isso ainda mais, criando um hábito de interpretação teológico utilizado até hoje.

Para resolver essa análise, o presente artigo começa desenvolvendo a hermenêutica de Lutero: o que ele fazia era de fato uma hermenêutica? Quais eram os métodos por ele utilizados? Após isso, há uma análise sobre a pesquisa de Schleiermacher e o que ele defendia. Foi feita uma análise sobre seus principais tópicos de pesquisa teológica: linguagem, o mal-entendido como método de compreensão, a dialética e os diferenciais de sua pesquisa, de modo geral.

Após isso, o artigo faz um apanhado de relações entre a teoria de ambos os autores aqui analisados, destacando o ponto de convergências entre eles, a saber, a busca da resolução do mal-entendido, revoluções teológicas e linguísticas, a rejeição da alegorese em relação com a então rejeição do ponto de vista do autor, suas espiritualidades, metodologias, valorização da história e cristologia. Além disso, também são aqui apresentadas as principais discordâncias de suas teorias. Ao final, há uma conclusão sobre as relações teóricas apresentadas e analisadas neste estudo.

A teologia de Lutero

Lutero uma vez disse: "Deve-se ensinar aos cristãos que, dando ao pobre ou emprestando ao necessitado, procedem melhor do que se comprassem indulgências" (Tese 43 de Martinho Lutero, 1517). Após essa sua manifestação e todas as suas críticas ao fazer teológico cristão da época - sendo ele um monge agostiniano - houve uma revolução no cristianismo.

A partir de suas ações, muitas pessoas, como o filósofo Dilthey, defendiam que a hermenêutica teve origens no protestantismo, iniciado por Lutero. Há controvérsias científicas em relação ao surgimento da hermenêutica, mas, como será mostrado mais adiante, a tese de Dilthey pode ser considerada válida.

É uma discussão ainda relevante hoje em dia a questão da sola scriptura e toda a interpretação espiritual. Isso porque desde que surgiu o pentecostalismo, que é uma vertente do protestantismo, muitas pessoas desacreditam das manifestações espirituais que acontecem nessas vertentes. Portanto, esse assunto não se esgotou. A sola scriptura ainda é defendida por muitos e um pouco ignorada por outros.

No entanto, esse assunto é constante não apenas em nossa sociedade e cultura. Era em uma sociedade extremamente influenciada por Lutero que Schleiermacher vivia. A Reforma Protestante já havia acontecido havia mais de duzentos anos quando ele nasceu. Ao fazer um apanhado geral sobre a influência de Schleiermacher na hermenêutica filosófica, não poderia deixar de explicar todas as suas origens e influências. A seguir, portanto, há aqui, primeiramente, a influência de Lutero para a hermenêutica schleiermacheriana e depois uma sistematização dos estudos do filósofo.

A hermenêutica de Martinho Lutero

Sendo a hermenêutica uma teoria da interpretação (GRONDIN, 1991, p. 48), faz todo o sentido a defesa da tese de que Lutero era um hermeneuta. Não só interpretava a Bíblia, mas também defendia que a interpretação deveria ser livre para os crentes, advogando pela posse da Escritura pelos membros eclesiásticos. Quanto a isso, o próprio Lutero explicava que a atitude dos cristãos da época estavam errados, pois consideravam mais suas doutrinas humanas do que a própria palavra de Deus, como podemos ver em um escrito traduzido para o português a partir das Obras Seleccionadas:

Disso se conclui, sem dúvida alguma, que os bispos, conventos, mosteiros e o que há de gente desta espécie nem de longe têm sido cristãos, tampouco uma comunidade cristã, mesmo que tenham reivindicado esse nome sozinhos antes de todos os outros. Pois em quem reconhece o Evangelho, vê, ouve e entende como ainda hoje eles permanecem em suas doutrinas humanas e jogaram fora, por inteiro, o Evangelho e ainda continuam jogando. Por isso é preciso considerar pagão e mundano o que essa gente faz e alega. (LUTERO, 2000, p. 28).

Lutero defendia a sola scriptura, com a qual explicava sobre a essencialidade da Bíblia; não bastava, para ele, apenas ouvir as interpretações dos padres. Era necessário que o leitor ou a leitora buscasse por si mesmo. Ele era bem categórico quanto à possibilidade de o cristão ou cristã serem manipulados e enganados por autoridades, devendo eles mesmos buscar a verdade de Deus por si mesmos (as).

Por conseguinte, concluímos então que, onde houver uma comunidade cristã que possua o Evangelho, ela não só tem o direito e a autoridade, mas também, pela salvação de sua alma e segundo o compromisso que ela assumiu para com Cristo no Batismo, o dever de evitar, demitir, fugir e subtrair-se da autoridade que agora ocupam os bispos, abades, mosteiros, cabidos e semelhantes: porque está visto que ensinam e governam em oposição a Deus e sua Palavra. Com isso esteja fundamentado, para começar, com segurança e vigor suficientes, e nisso se pode confiar: é direito divino e necessário para a salvação das almas que se deponham ou evitem semelhantes bispos, abades, mosteiros e o que há de instituições desse tipo. (LUTERO, 2000, p. 31)

Era de sua defesa também que os cristãos todos eram convocados a levar a palavra de Deus, diferentemente do que a Igreja defendia na época, e que só permitia que os padres o fizessem, e isto para ele não era apenas um direito como também um dever:

Primeiro: Se ele estiver num lugar em que não há cristãos, não é necessária qualquer convocação senão o simples fato de ele ser cristão, convocado e ungido interiormente por Deus. Nesse caso tem a obrigação de pregar aos pagãos ou não-cristãos que estão no engano e ensinar-lhes o Evangelho por dever de amor fraternal, mesmo que nenhuma pessoa o convoque para esse fim. (LUTERO, 2000, p. 32)

Lutero, com sua atitude democrática, por assim dizer, da leitura da Bíblia, não apenas motivou o movimento protestante, como também causou mudanças na própria igreja católica. De fato, a Bíblia poderia ser considerada quase ausente na igreja da época, mas, depois da Reforma, “finalmente, a Bíblia foi devolvida ao povo, seja por sua leitura e pregação na missa, seja por sua leitura particular, mas sobretudo pelo seu estudo em grupos comunitários” (ALTMANN, 2016, p. 123).

O reformador defendia uma exegese que permitia a interpretação por meio do Espírito Santo; era uma interpretação do cristão e da cristã muito mais espiritual do que dogmática, pois permitia que a revelação fosse feita a cada pessoa. Embora a exegese não seja novidade a partir de Lutero, visto que Agostinho e a Patrística já a praticavam durante a Idade Média para a religião com foco romano, essa abordagem, de fato, era inovadora.

Para a visão luterana, o Espírito Santo é a palavra. Grondin (1991), explica:

O conhecido dito de Lutero, segundo o qual a Escritura seria *sui ipsius interpres*, ou sua própria chave, significa precisamente que a palavra, como auto-oferta de Deus, espera por uma concretização que, no crente, deve resultar em compreensão da Escritura. Expressando-o de outra forma: uma palavra

da Escritura está sempre orientada para uma interpretação, que somente a apropriação do Verbo pode realizar, enquanto ela deixa vibrar simultaneamente o todo libertador do significado que ela quer expressar pela graça. A palavra, percebida corretamente, isto é, de acordo com sua tendência interior, já é espírito. A orientação para a palavra preenche tudo o que a Escritura tem para revelar (GRONDIN, 1991, p. 83)

Antes de Lutero, a exegese era diferente: deveria ter enfoque em quatro sentidos: gramático, alegórico, parenético e escatológico. Porém, quanto mais estudava as Escrituras, mais ele percebia que a melhor maneira de estudar a Bíblia era a que mais se aproximasse do sentido literal. Essa literalidade foi o que o levou a buscar cada vez mais o sentido original, levando-o ao estudo minucioso das línguas gregas e hebraicas e tornando acessível à Bíblia em língua alemã - traduzindo-a do modo mais fiel que pudesse. Sua exegese era literal, revelada pelo Espírito Santo e fiel à linguagem original - e era essa exegese que ele defendia que os(as) fiéis seguissem.

Sendo assim, defendia-se que não seria tão necessário fazer alegoreses para sentir o Espírito de Deus, porque Ele estava na própria palavra, no próprio texto; bastava apenas ler e fazer a exegese. Há quem critique esse método até hoje. Por exemplo, Jean Grondin diz que há passagens obscuras - de difícil interpretação - na Bíblia e que o método da tradição e do magistério eclesiástico era uma tentativa de resolver essas questões de interpretação não tão fácil; além disso, ele argumenta que a sola scriptura era ingênua, pois quem poderia garantir que o leitor faria a interpretação correta?

A colocação de Jean Grondin é, no mínimo, problemática, considerando que a Igreja usou a tradição de maneira a manipular os fiéis, e as indulgências, citadas acima, são apenas um exemplo disso. Além disso, há de se considerar o que Jesus Cristo falou sobre a compreensão pelo Espírito: “Eu ainda tenho muitas coisas a vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. No entanto, quando ele, o Espírito da verdade vier, ele vos guiará em toda a verdade [...]” (BÍBLIA, Jo 16,12-13).

Como explica Körtner (2009),

A compreensão evangélica da igreja como criatura do evangelho manifesta a experiência na qual o ser humano, em seu esforço de interpretar a Escritura, vê-se tomado pela experiência pneumatológica do ser, inversamente, interpretado pelo texto da Escritura. Assim, a doutrina clássica da inspiração deve ser transferida do ato da produção textual para o ato da leitura: o leitor implícito dos textos bíblicos é um leitor que, no ato da leitura, é inspirado pelo Espírito de Deus e alcança uma nova compreensão de si mesmo (KÖRTNER, 2009, p. 127)

O Espírito nos guia à verdade. Às vezes ele o faz de modo individual, adaptando as passagens bíblicas à situação de quem lê. A própria hermenêutica é feita a partir de nossas próprias experiências. Se a fé é pessoal, por que a interpretação também não poderia ser? Por que ter de depender do magistério eclesiástico? Deve-se, sim, haver consensos sobre passagens obscuras, mas o fiel e a fiel também deve ter a liberdade para tirar suas próprias conclusões, de acordo com o que faz sentido para ele e ela.

A hermenêutica de Schleiermacher

Segundo Grondin (1999, p. 123), Schleiermacher, embora tenha lecionado Hermenêutica por 29 anos, durante o século dezanove nunca deixou sua obra ser publicada. O discípulo Lücke foi quem editou suas obras em 1838, quatro anos após a morte de seu mestre, e as publicou.

Linguagem

Schleiermacher acreditava que o discurso é originado de um pensamento anterior a ele. "Não resta dúvida de que a função básica da compreensão desabrocha ao reconduzir-se a expressão (ou elocução) à vontade de dizer que a alma". (GRONDIN, 1999, p. 125). Para ele, o que buscava-se compreender era a linguagem, pois ela é a representação da comunidade que a utiliza; a linguagem, portanto, é considerada o *lado gramatical* da interpretação.

A linguagem é considerada dessa maneira, pois ela pode ser analisada a partir dessas representações discursivas; ele, além disso, considerava a linguagem *supraindividual*, pois representava não apenas o falante, mas também toda a comunidade da qual fazia parte. Como explica Grondin (1999, p. 125), "[...] cada expressão segue uma sintaxe pré-estabelecida, ou o costume", e por isso, retrata uma comunidade inteira.

Entretanto, ao mesmo tempo, a linguagem também pode ser considerada individual, pois a cada expressão dita, também há o testemunho de um ser, uma alma. Há, então, duas maneiras schleiermacherianas de analisar o discurso - uma *supraindividual ou individual*.

(...) é evidentemente ultrapassada a visão meramente sintática da linguagem, em direção ao que a linguagem realmente quer expressar. O que é visado, é a compreensão de um espírito, o qual deduz linguagem a partir da alma que a traz à tona. Por isso Schleiermacher podia, mais tarde, chamar este lado da interpretação de psicológico. (GRONDIN, 1999, p. 126)

O mal-entendido e o método de compreensão

Ao aprofundar mais na hermenêutica do que os estudiosos anteriores a ele, que defendiam, de modo mais básico, que o mal-entendido deveria ser evitado, Schleiermacher vai além. Ele afirma que toda a expressão linguística já carrega o mal-entendido, e que deve-se tentar apreender cada ponto do enunciado.

Certamente o entender, em sua forma normal de desenvolvimento, ocorre sem artifícios, isto é, não problemático para si próprio. A visão da hermenêutica tradicional era de que se entende tudo de um modo correto e liso, até que se tope com uma contradição. Uma hermenêutica só se faz necessária quando não (mais) se entende. A compreensibilidade era antigamente o primário ou inato, a não compreensão, por assim dizer, a exceção, razão pela qual necessitava de um auxílio hermenêutico. Schleiermacher põe esta perspectiva "ingênua", provinciana, de cabeça para baixo e pressupõe o mal-entendido (o equívoco) como realidade básica. Desde o início do esforço de compreensão, o hermeneuta se previne ante um possível equívoco. (GRONDIN, 1999, p. 127).

Há, então, uma *universalização do mal-entendido*. É reiterada nessa ideia a interpretação de que sempre buscaremos entender a verdade de um enunciado, embora nunca a atinjamos completamente; apenas chegamos a uma compreensão mais aprofundada, mas não completa.

Schleiermacher, como um filho do seu tempo, a saber, a época do positivismo, tinha a ideia de tornar as ciências humanas *verificáveis e confiáveis* a partir de uma visão científica. Por isso, ele criou uma metodologia de compreensão, ou seja, uma teologia hermenêutica. Sua metodologia poderia ser descrita, de modo básico, como uma tentativa de se aproximar do autor do que é dito; seria necessário, para compreender, então, verificar os dados históricos de um texto para compreendê-lo de maneira mais fiel.

Diferenciais da hermenêutica schleiermacheriana: além da exegese e da filologia

Quando nos referimos ao diferencial e à contribuição de Schleiermacher na Hermenêutica, não podemos deixar de considerar a importância que ele deu à interpretação oral e não apenas escrita. Como, também, ele visava entender o (a) locutor (a) da enunciação, chamam também sua hermenêutica de psicológica. Segundo sua teoria, também, a adivinhação faz parte do processo de compreensão.

Se os recursos predominantemente comparativistas da interpretação gramatical acabam nos deixando na mão, é preciso enfrentar o esclarecimento pela maneira particular de expressar-se do autor e, com demasiada frequência, deve-se simplesmente adivinhar o que o autor quer dizer. (GRONDIN, 1999, p. 129)

Grondin defende que um dos motivos pelos quais Schleiermacher decidiu não publicar suas obras foi que ele chegou, na verdade, em um impasse: como ele poderia continuar defendendo um método regulamentado se, em sua conclusão posterior, o ato divinatório (de adivinhação) deveria ser mais frequente do que imaginamos? O ato de adivinhar não é regulamentado, como explica Grondin sobre ele: "como quase nenhum outro, possuía ele um senso agudo sobre o limite do metodizável e sobre a necessidade de uma adivinhação empática no reino da interpretação". (GRONDIN, 1999, p. 130)

Schleiermacher acabou percebendo com o tempo, e a partir de seus estudos, que uma metodologia de compreensão técnica era insuficiente; era necessário mergulhar no outro e tentar entender a fundo o que a pessoa de fato queria significar com o que dizia ou escrevia.

Faticamente acontece, em geral, que a estrutura meramente linguística ou gramatical de uma passagem não seja problemática. O que não se entende e sempre se pode entender mal, é precisamente o que o escritor queria dizer. É por isso que se quer e se deve interpretar o seu discurso, isto é, torná-lo compreensível, pela recondução a uma vontade de expressar-se (GRONDIN, 1999, p. 130)

Talvez a maior contribuição de Schleiermacher à hermenêutica, porém, seja o fato de ele ter defendido que a interpretação não deveria ser focada apenas na interpretação textual, mas em tudo, de modo universal. Antes dele, a hermenêutica era focada em exegese e filologia:

São basicamente duas as teorias hermenêuticas precedentes [a Schleiermacher]: a filológica e a exegese bíblica. Ambas se delimitam no essencial a um aglomerado de regras que possibilitam realizar a interpretação em conformidade com o conteúdo e a forma de proceder dentro da circunscrição de cada área. A teoria filológica diz respeito à interpretação dos textos clássicos da Antiguidade. A exegese, por sua vez, está direcionada especificamente aos textos sagrados do antigo e do novo testamento (JUNGES; ADAM, 2013, p. 24).

Schleiermacher fez, então, uma revolução: a hermenêutica deixou de ser uma ferramenta para a Bíblia e para a Filologia e passou a ser, ela mesma, uma área própria, que analisa o mundo ao redor. Sendo ele um romântico, ele passa a usar a hermenêutica para a compreensão do sujeito também, não apenas o texto escrito.

Nesta inspiração romântica, se mostra a diferença da hermenêutica para com o kantismo, e que firmamos como um ultrapassar em relação a este, em que diferentemente de um espírito impessoal portando as condições de possibilidade da investigação cognitiva, a hermenêutica alberga a tese de

um espírito criador atuante de modo inconsciente na produção de trabalhos das individualidades (JUNGES; ADAM, 2013, p. 25)

Dialética

A partir da visão dialética, Schleiermacher defendia que a humanidade tem assuntos e discordâncias sem fim para contender. Para ele, "(...) estamos condicionados a promover conversação uns com os outros - e conosco mesmos (...) - para chegarmos a verdades comuns e originariamente livres de contenda" (GRONDIN, 1999).

Era defendido por ele um "ler entre as linhas". A interpretação de um leitor deveria ir além do que estava escrito; deveria, de fato, haver um diálogo com o texto. Tendo sido influenciado também por Ast, ele, assim como este autor, defendia que o significado também estava no contexto de mundo do que é afirmado. Entretanto, ele foi além de Ast, pois não defendia só o contexto global, mas também a compreensão da alma do autor.

Havia críticas a Schleiermacher, pois acreditava-se que ele procurava mais entender o autor do que suas ideias per se. Isto não é de fato verdade, pois a ele também interessava a interpretação de quem recebia a informação. Porém, ele também gostava de mergulhar no pensamento do autor, o que também não seria algo errado e nem ao menos seria algo não-hermenêutico. Embora não consigamos penetrar, de fato, nas ideias e intenções de uma alma, é importante para a melhor compreensão entender o que motiva cada parte de um texto.

Convergências entre a hermenêutica de Lutero e a hermenêutica de Schleiermacher

A hermenêutica do mal-entendido

Embora Lutero nunca tenha usado nem sequer imaginado que haveria uma teoria que dissesse que tudo, no princípio, é mal-entendido, seus escritos demonstravam uma convergência com esta teoria, principalmente porque foi uma má interpretação da Bíblia na época que levou à grande angústia de Lutero. A história diz que Lutero era um padre que vivia em um mosteiro por medo das punições de Deus e que não adiantava quantas boas obras e penitências ele fizesse, parecia nunca conseguir o perdão de Deus. Ele, assim como todos os cristãos da época, viviam em um momento de grande aflição e ansiedade.

Bornschein cita Tilich (2000, p. 229) para explicar

Lutero vivia num mosteiro com essa ansiedade, em face da culpa e da ameaça da condenação. Foi por causa dela que se internou no mosteiro e foi também por sua causa que descobriu que nenhuma quantidade de práticas ascéticas conseguia dar às pessoas a certeza da salvação num sistema de relatividades, quantidades e coisas. Estava sempre com medo do Deus ameaçador, do Deus punitivo e destruidor. E perguntava: Onde posso encontrar o Deus misericordioso? A reforma começou a partir daí e da ansiedade subjacente (TILICH, 2000, p. 229)

A ansiedade de Lutero e todas as suas angústias começaram com diversos momentos traumáticos. Ele era apenas um jovem estudante na Universidade de Erfurt – primeiro estudou um curso equivalente à Filosofia atualmente, e depois, Direito. A universidade era um lugar com bastante influências religiosas, e que continha um internato:

Ao ingressar na universidade, o estudante tinha que passar a residir em uma bursa (=bolsa), onde se vivia em internato. Tudo era controlado: orações, estudos, alimentação, entradas e saídas, currículo. A vestimenta era uniforme, o que também servia para caracterizar o estudante. Não cabia ao estudante a escolha das leituras. Luder só lia o que era determinado pelos professores. Com tal controle, somente nos resta dizer que ele foi um estudante exemplar; que levantava às quatro da manhã e deitava às oito da noite. O uniforme estudantil assemelhava-se à batina dos monges, mas cada estudante trazia uma espada à cintura. A esperada não era um mero adorno. Aconteciam duelos, mesmo que proibidos. Um dos melhores amigos de Luder foi morto em um desses duelos. Sua morte pode ter motivado Martin a ingressar no mosteiro. (DREHER, 2014, p. 28)

Entretanto, este não foi o único amigo de Lutero a enfrentar a morte. Alguns outros amigos e dois de seus irmãos morreram e ele próprio esteve próximo à morte ao cair e ser afetado pela própria espada, cortando uma artéria na coxa. Havia um dito à época que muito era mencionado por Lutero: “o desespero faz o monge”. Provavelmente tendo que lidar com a brevidade da vida e questionamentos tão profundos sobre a existência, sua percepção de mundo tenha mudado. Um dia, ao retornar da cidade de Gotha, Lutero avistou um raio, que interpretou que fosse um sinal para que ele ingressasse ao mosteiro.

Ninguém senão Lutero viu o raio que o jogou ao chão nas proximidades de Stotternheim e fê-lo prometer a Santa Ana que seria monge. Todas as declarações posteriores são justificativas para a decisão tomada; a primeira delas teve que ser apresentada ao pai. O pai nem sequer foi comunicado da decisão, pois o filho sabia muito bem qual teria sido a reação. Pela primeira vez em sua vida, Martin negava a obediência a uma autoridade, a autoridade paterna, e confia sua vida a outra autoridade: a igreja. É impossível que o raio, como quer a maioria das biografias de Lutero, seja o único responsável pela decisão. Outros raios estão em jogo.¹(DREHER, 2014, p. 31)

Lutero sabia que os momentos difíceis podem ser maneiras de Deus demonstrar que ele queria a conversão de quem sofre. Entretanto, seu destino final não era ser monge como ele achava no dia que avistou o raio; ele seria responsável por uma Reforma na igreja. Ele não sabia disso, portanto com toda a dedicação possível, foi seguir ao mosteiro.

Vindo do alegre, colorido e divertido mundo dos estudantes universitários, Luder ingressou num mundo preto e branco. Antes tinha companheiros alegres, que gargalhavam. Agora, disciplina. Estava proibido de rir. Nada de movimentos bruscos. O silêncio era virtude. O olhar tinha que ficar voltado para o chão; as mãos eram enfiadas nas mangas do hábito. Até o copo tinha que ser segurado com ambas as mãos ao beber. Nas refeições, não se conversava, só se ouvia a leitura de vidas de santos e de textos piedosos. (DREHER, 2014, p. 39 e 40)

Com os problemas e traumas que Lutero já tinha ao ingressar no mosteiro, a vida no mosteiro o fez se sentir com o humor cada vez mais triste. Ele se sentia culpado demais por cada pequeno erro que cometia. Johann von Staupitz – seu mestre de noviços na igreja – tinha que, às vezes xingá-lo, pois se culpava além do necessário. Além disso, teria episódios que hoje seriam tidos como histeria (DREHER, 2014), como quando gritou durante a leitura de Marcos 1.23 e seus confrades interpretaram que ele estava possuído pelo demônio.

Luder era uma pessoa confusa. Mais tarde, culpou a igreja por sua confusão. Em suas conversas à mesa com alunos e colegas mais jovens, falou sobre os suplícios aos quais os monges eram submetidos no mosteiro e sobre como tudo era transformado em pecado, devendo, inclusive, ser questionado por Jesus no juízo final por haver posto a mão de forma inadequada no cálice. Enquanto seus colegas não

se preocupavam com essas questões, o juízo final era para Luter algo muito mais grave: era ser confrontado com a ira de Deus, com um Cristo raivoso, juiz que só condenava. (DREHER, 2014, p. 41)

Lutero queria sentir a graça e o amor de Deus, e sentir a liberdade do amor de Cristo. Ao ler Romanos, ele sentiu esta liberdade, e conseguiu exercer isto para interpretar por si próprio. Foi quando uma passagem em específico chamou sua atenção: a parte que dizia que a salvação vem pela fé, e não pelas obras. Nós, de fato, nunca conseguiríamos nos redimir diante de Deus; nós só temos a salvação a partir da graça e pela fé.

Lutero, portanto, usou a lógica de que havia um mal-entendido e agiu de modo a resolver esse mal-entendido; ele foi revolucionário ao resolver esse problema. Disponibilizou a leitura da Bíblia a todos. Schleiermacher faria de modo semelhante, considerando que seu maior objetivo era, se não resolver, minimizar a interpretação errada tanto quanto pudesse.

Ambos propuseram algo novo - movimentos opostos, mas no mesmo sentido

Schleiermacher propôs analisar além do texto. Lutero, em sua época, ao contrário, propôs analisar apenas o texto. Entretanto, embora opostos, esses movimentos propõem quase o mesmo: uma revolução.

Na época de Lutero, a igreja católica afirmava que, mesmo sendo a Bíblia palavra de Deus inspirada pelo Espírito Santo, ainda assim, a tradição eclesiástica era tão importante quanto ela.

Em uma época em que o texto sagrado havia se perdido, foi necessário que alguém buscasse a autoridade do texto novamente, principalmente quando se tratava de um texto sagrado, que ditava a crença do mundo.

À época de Schleiermacher, porém, anos depois, o desequilíbrio já havia se formado, como é a tendência humana. Já não estávamos mais ignorando o texto; agora, porém, estávamos pondo o texto acima de tudo na interpretação; e não só o texto sagrado, cristão, mas todos os textos eram mais valorizados do que o próprio escritor, seu contexto e suas ideias; assim como o era também toda o discurso oral.

Em Schleiermacher e Lutero¹, em épocas diferentes, vemos duas almas que vão ao contrário do esperado eclesiástico; ambos se dispunham a protestar e mudar o que estava errado. Porém, ao mesmo tempo, vemos, também, que ambos buscavam o equilíbrio, pois demonstravam o valor do texto quando se tratava da Bíblia, que consideravam a revelação do Espírito Santo. Entretanto, nas situações diárias, tendiam a ver todo o contexto - como Lutero em relação às indulgências, e Schleiermacher em sua busca pelo autor e seu contexto e não apenas no que está escrito. O sola scriptura de Lutero não o impedia de defender uma leitura contextual e interpretativa, como também o fazia Schleiermacher. Portanto, uma hermenêutica completa leva em conta ambas as teorias.

Indo ainda mais além, podemos pensar em algo muito interessante: As duas metodologias, de Lutero e Schleiermacher, se complementam. Schleiermacher não pensava apenas no texto, mas, quando assim o fazia, procurava conhecer o autor; saber o que este sentia. Procurava entender tudo sobre o contexto de criação no texto a ser analisado. E não é isso o que fazemos ao fazer uma exegese, como Lutero nos ensinou? Não tentamos nós

¹ Martin Dreher, neste livro, com “outros raios” refere-se à perda de entes queridos por Lutero

perscrutar a vontade, a intenção e o real significado da palavra de Deus revelada a nós? Não tentamos nós entender o que o Espírito Santo quer de nós a partir da palavra?

A rejeição da alegorese e a rejeição da desvalorização do autor

Lutero não aceitava que a alegorese fosse tão valorizada na igreja primitiva. A alegorese é uma interpretação da Bíblia buscando o sentido oculto, moral, de um acontecimento. Enquanto Lutero queria ver os acontecimentos históricos e das histórias bíblicas, era comum que, na igreja católica, diversos acontecimentos fossem narrados sem dar atenção ao acontecimento de fato, mas sempre tentando entender todos os sentidos implícitos de cada acontecimento descrito, como pode ser lido na seguinte citação:

Segundo os alegoristas, flutuando acima do significado dos acontecimentos do Antigo Testamento encontrava-se outro, mais espiritual. Os antioquenses, pelo contrário, criam que o significado espiritual de um acontecimento histórico estava implícito no próprio acontecimento. Por exemplo, de acordo com os alegoristas, a partida de Abraão de Harã significava sua recusa em conhecer as coisas por meio dos sentidos; para os antioquenses, representava um ato de fé e confiança ao seguir o chamado de Deus para deixar a cidade histórica de Harã e dirigir-se à terra de Canaã. (VIRKLER, 1998, p. 46 apud BORNSCHEIN, 2017, p. 9)

De modo resumido, era comum que os padres, na época, deixassem a interpretação tão livre a ponto de desvalorizar o sentido literal. Eles consideravam, na época, que o sentido literal era para os leigos; que, a partir do momento que uma pessoa pudesse compreender por si mesma além do texto, ela poderia chegar a outras verdades.

Orígenes acreditava que assim como o homem se constitui de três partes - corpo, alma e espírito - da mesma forma a Escritura possui três sentidos. O corpo é o sentido literal, a alma o sentido moral, e o espírito o sentido alegórico ou místico. (VIRKLER, 1998, p. 140 apud BORNSCHEIN, 2017, p. 7).

O precursor do protestantismo rejeitava veementemente isso; não podíamos, para ele, deixar que o sentido alegórico tivesse tanta importância quanto o sentido literal. Isto pode ser visto em suas obras selecionadas:

Mas o principal argumento de minha opinião é, em primeiro lugar, que às palavras divinas não se deve fazer violência alguma, nem por parte de um ser humano, nem por parte de um anjo; deve-se, isto sim, conservá-las, tanto quanto possível, em seu mais simples significado. Caso não formos forçados por circunstância manifesta, as palavras não devem ser entendidas fora da gramática nem de seu sentido próprio, para que não se dê ocasião a que os adversários escarnejem de toda a Escritura. Por esse motivo condenou-se Orígenes com razão, pois convertia em alegoria as árvores e tudo quanto foi escrito a respeito do paraíso, sem preocupar-se com a linguagem gramatical, pois disso se podia deduzir que as árvores não foram criadas por Deus. O mesmo acontece aqui. Quando os evangelistas escrevem claramente que Cristo tomou o pão e o abençoou, e o Livro dos Atos e o apóstolo Paulo posteriormente o designam de pão, é necessário que se entenda verdadeiro pão e verdadeiro vinho, como também verdadeiro cálice. Com efeito, nem mesmo eles dizem que o cálice se transubstancia. Como, porém, não é necessário supor uma transubstanciação feita pelo poder divino, deve-se tê-la por ficção da mente humana, pois não se apoia em nenhuma Escritura, em nenhum argumento racional [...] (LUTERO, 2015, p. 502)

Nisto, Schleiermacher, talvez sem perceber, o segue, considerando que, para ele, era absurdo que a humanidade pudesse simplesmente ir permitindo interpretações múltiplas a partir do leitor e da leitora e, ao mesmo

tempo, deixar o autor ou autora de lado; não havia nenhuma tentativa por parte das pessoas de, enfim, desfazer o mal-entendido inerente a cada expressão linguística.

Lutero defendia que todos tivessem acesso à Bíblia e Schleiermacher defendia uma hermenêutica universal

Ao mesmo tempo que Lutero defendia a posse da Escritura para todos, ele também sabia que às vezes a interpretação poderia não condizer com o que Deus queria da humanidade. Ele atribuía isso justamente à falta do Espírito Santo:

A natureza espiritual da mensagem das Escrituras era a principal barreira à sua compreensão por parte de pessoas que não tinham o Espírito. A cegueira espiritual do homem em decorrência da queda havia afetado inclusive a capacidade dele de conhecer as coisas de Deus e recebê-las. Para quem não tinha o Espírito, as Escrituras eram um livro fechado (LOPES, 2004, p. 162 apud BORNSCHEIN, 2017, p.7).

Portanto, para Lutero, as interpretações erradas demonstravam que quem interpretava estava longe de Deus, considerando que a Bíblia diz que o Espírito Santo é o revelador e que é a partir dele que a verdadeira mensagem de Deus pode ser revelada. Schleiermacher, por sua vez, buscava o real significado e a real interpretação, tendo como metodologia o próprio autor. Essa busca pela verdade de Schleiermacher, que botava a interpretação original acima de sua própria, demonstra o que Lutero diria ser uma verdadeira comunhão com o Espírito Santo, que é quem revela a verdade. Podemos pensar, dessa maneira, que Schleiermacher talvez tivesse até mesmo encontrado a solução para os dilemas de Lutero, por assim dizer. Lutero era metódico, encontrava uma maneira de fazer uma exegese organizada. Schleiermacher, muito tempo depois, vivendo na época do iluminismo, de fato criou um método de fazer hermenêutica. Lutero buscava uma maneira de focar nos autores da Bíblia Sagrada (o próprio Espírito Santo) e Schleiermacher defendia o significado real de um discurso.

O significado real seria aquele que vai de acordo com os autores, e com o que de fato eles quiseram dizer. Dessa forma, o foco não está apenas no leitor ou na leitora, como muitas hermenêuticas atuais defendem. Estas até mesmo às vezes podem fazer com que os textos percam totalmente o sentido original, semelhante a um telefone sem fio. Schleiermacher defendia que, sim, sempre existia um significado original, algo que o autor ou autora quiseram realmente significar ao falar, ou escrever algo e que isso não deveria ser ignorado. Lutero defendia, sempre, que deveria-se prescrutar o que o autor (o Espírito Santo) significava, de fato, com a escritura:

Lutero estabeleceu distinção entre o uso magisterial e o ministerial da razão. Por uso ministerial da razão ele se referia ao emprego da razão humana para ajudar-nos a compreender e a obedecer mais plenamente à Palavra de Deus. Por uso magisterial da razão ele se referia ao emprego da razão humana como juiz sobre a Palavra de Deus. Lutero afirmava claramente a primeira e rejeitava a segunda. (VIRKLER, 1998, p. 51 apud BORNSCHEIN, 2017, p.7)

A hermenêutica de ambos parece balanceada e equilibrada, o que, acredita-se, ser o objetivo final de todas as teorias e até mesmo métodos científicos. Há de se achar um equilíbrio. Extremismos causam diferenças no mundo, de fato, e às vezes são necessários. Porém, o ideal é o objetivo a ser alcançado é sempre o equilíbrio: texto e fala; leitor e autor. O equilíbrio é uma maneira saudável de analisar algo, mas isso não quer dizer que algo não deva ser o foco maior; nesse caso, quando nos referimos a cristianismo, a prioridade deve ser a escritura.

Ambos defendiam métodos

A metodologia de ambos os protestantes era a mesma: a leitura bíblica se realizava em três passos, por assim dizer. Primeiramente, de acordo com Lutero, o leitor ou leitora deveria ter fé e começar a leitura já como um ato de fé. Após isso, é relevante considerar o método de Schleiermacher, que defende que os leitores compreenderiam o texto, e, após compreender, o interpretariam. Para ele, era essencial que o leitor primeiro buscasse a compreensão. A compreensão, de acordo com sua teoria, é o encurtamento entre o leitor e o autor, buscando a real intenção e o contexto de quem escreveu. Só após uma compreensão completa, a interpretação pode ser realizada, pois nenhuma interpretação pode ser correta sem que haja uma real busca pela verdade durante uma leitura - e isto seria equivalente a uma diminuição de ruído entre autor e leitor.

Nem todos os hermenêutas que vieram após ele concordam com isso. Jacques Derrida, por exemplo, defendia que a interpretação faz parte do processo de compreensão, portanto é anterior a ela. Paul Ricoeur, embora não tenha explicitamente defendido que a interpretação vem antes da compreensão, defendia que a interpretação ocorre quando há questionamentos de significados tradicionais. Não há a intenção, entretanto, de resolver essa questão aqui. Basta-nos verificar que ambos os autores aqui analisados partem da mesma metodologia para o fazer hermenêutico teológico.

Valorização da história e meticulosidade

Lutero, ao traduzir o Antigo Testamento, ficava dias em uma só palavra, tentando achar a melhor equivalência desta palavra para o alemão. Ele tinha, além disso, um grupo de tradução que o ajudava com cada termo.

De maneira semelhante, Schleiermacher tinha o esforço de tentar ao máximo ver o contexto do autor e sua busca pela redução do mal-entendido em muito se relaciona com o esforço luterano de fidedignidade.

Além disso, o esforço de Lutero de achar uma palavra que fosse fiel ao contexto original do texto em muito lembra da teoria hermenêutica que explica que todo significado tem uma universalidade, e tudo que é dito faz parte de um contexto maior. Embora Schleiermacher não tenha aprofundado muito nesse assunto (seus sucessores o fizeram), ele também aceitava essa teoria, e além de ir a fundo na alma de quem era interpretado, considerava o contexto maior em que as pessoas estavam inseridas.

O esforço de Lutero de ir além do significado literal é semelhante ao esforço do real significado e da semântica verdadeira por trás do que é enunciado por alguém. Lutero chegava a dizer que traduzir apenas literalmente era, por assim dizer, uma arte de asnos.

Lutero tinha, inclusive, uma visão até mesmo sociolinguística, na qual ele valorizava a linguagem simples, do dia a dia. Isso lembra até mesmo a ideia de Schleiermacher de valorizar a hermenêutica oral. Vejamos um dito de Schleiermacher que demonstra a valorização do simples e da comunicação (embora ele defendesse ferrenhamente a valorização principal da Escritura):

Um princípio fundamental na sua tradução, que a fez popular e divulgada, foi o fato de Lutero traduzir para um alemão claro e compreensível. De uma forma irônica ele disse que não deve perguntar ao latim como se fala o alemão “como fazem os asnos”, mas se deve “perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem [sic] comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e depois

traduzir” e, então “eles vão entender e perceber que se está falando em alemão com eles”. (BORNSCHEIN, 2017).

Alguns autores, como Jean Grondin (1991), afirmaram que não sabem se poderiam chamar o que Lutero fazia de hermenêutica propriamente dita, alegando que ele apenas interpretava a Bíblia, o que teoricamente não o faria um hermeneuta completo. Entretanto, o fato de um hermeneuta querer interpretar apenas um texto, não o faz menos hermeneuta, assim como um músico que toque apenas um estilo de música, por exemplo, não deixa de ser um músico.

Uma das maiores provas de que Lutero era um hermeneuta de fato era uma metodologia completa que ele desenvolveu e punha em prática durante suas exegeses. Obviamente, não é um método que torna um hermeneuta de fato um hermeneuta, pois muitos, hoje em dia, até mesmo desprezam os métodos. Porém, é importante citar o método do reformador, visto que muitos hermeneutas achavam de fato válido as metodologias hermenêuticas; tudo depende da visão científica que um pesquisador tenha.

Para clarificar o método de tradução de Lutero, podemos citar os seis passos que Lutero seguia ao fazer sua exegese, que eram os seguintes (de acordo com BORNSCHEIN, 2017, p. 11): primeiramente, sua interpretação buscava, a análise gramatical, ou seja, saber o sentido real de cada palavra usada no texto. Depois, era necessário fazer uma análise contextual, que consiste em ver o contexto todo em que determinada escrita foi feita. Após esta contextualização, uma análise canônica é necessária - e esta consiste em relacionar com outros livros da mesma escritura. Então, o leitor deveria buscar a interpretação figurada e simbólica, procurando entender os simbolismos – mas sem torná-los tão essenciais como fazia a alegorese. O próximo passo era fazer uma interpretação cristológica, que é feita ao interpretar de acordo com o sentido de acordo com a maior referência, que era Jesus Cristo e, finalmente, fazer uma interpretação radical, que ocorre ao considerar o texto de acordo com seu sentido real, literal e histórico.

Foco em Cristo e espiritualidade

Lutero tinha como certo que Cristo era o princípio norteador da Escritura Sagrada, pois Cristo é o centro da Escritura e ela aponta para ele, visto que antes de Cristo vir, haviam profecias sobre ele, e que, ao final da Bíblia, há a promessa futura de que Ele irá voltar. Além disso, a proclamação evangélica tem como sujeito o próprio Cristo, que foi o primeiro a enviar a mensagem sendo ele mesmo o sujeito dela.

Semelhantemente, Schleiermacher também tinha uma abordagem cristológica e extremamente espiritual. Em um de seus escritos, ele explica como ele acreditava que o fato de ele estudar teologia não era algo que ele fazia por vontade própria, e, sim, a partir de um chamado divino. Ele afirmava que sua fala sobre o cristianismo não era por temor nem por esperança; era como uma necessidade de sua natureza; necessidade esta que ele descrevia como irresistível, como uma vocação divina. Era o que tornava ele quem ele era (DREHER, 1995).

Divergências entre o pensamento de Lutero e Schleiermacher

Há uma grande divergência, porém, entre o pensamento dos dois teólogos hermeneutas: Lutero defendia o sola scriptura, ou seja, a consideração principal e essencial dos textos bíblicos. Para ele, o sentido original deveria ser buscado na própria Bíblia e esta deveria ser o norte para quem busca compreender o cristianismo. Schleiermacher,

por sua vez, foi o primeiro hermeneuta a defender que havia muito a analisar no discurso oral também - para ele, havia emoções, sentimentos e nuances que só podem ser captados na linguagem diária.

Entretanto, essas duas ideias não precisam ser dissidentes, nem ao menos opostas: deveria haver uma maneira de equilibrar essa questão. A hermenêutica pode analisar ambas as maneiras de expressão humana. Até mesmo no cristianismo, a hermenêutica oral deve ser analisada, pois a fé também inclui experiências pessoais que são relatadas diariamente pelos crentes. Porém, em um momento de afirmação e estudo sobre o cristianismo, deve-se priorizar a Escritura - e para isso também existe a exegese e até mesmo quem se aprofunda nas línguas originais da escrita da Bíblia, como hebraico e grego. Para o cristianismo, as duas maneiras de fazer hermenêutica são importantes e se complementam, o que demonstra uma convergência no que parece ser a única divergência entre os dois protestantes.

Conclusões

A deturpação do sentido, ou até mesmo a insistência em manter o mal-entendido, por assim dizer, era o que mais incomodava ambos os hermeneutas que foram analisados nesse artigo. Schleiermacher insistia que deveríamos evitar o mal-entendido, resolvê-lo de uma vez por todas. Lutero pedia, de forma meticulosa, que nos atentássemos ao sentido original da Escritura:

O que eles [os sofistas] deveriam fazer é vir ao texto vazios, derivar suas ideias da Escritura Sagrada, e então prestar atenção cuidadosa às palavras, comparar o que precede com o que vem em seguida, e se esforçar para agarrar o sentido autêntico de uma passagem em particular, em vez de ler as suas próprias noções nas palavras e passagens da Escritura, que eles geralmente arrancam do seu contexto. (LOPES, 2006b apud BORNSCHEIN, 2017).

Schleiermacher explicava essas interpretações errôneas dizendo que, ao ouvir alguém dizer algo, as pessoas não tentavam resolver ou entender o que o autor do enunciado estava de fato dizendo. A reação natural e que ocorria de modo automático, era entender o que estava sendo dito a partir da visão de mundo de quem ouvia. Deixamos nossa experiência humana tomar conta do que ouvimos, e isso deveria ser evitado para os dois hermeneutas aqui estudados, cada um aplicando isso em seu contexto de vida.

Ambos os hermeneutas tiveram considerações essenciais acerca do mal-entendido: enquanto Lutero vivia uma ansiedade cristã advinda dos ruídos de comunicação de interpretações dissidentes das Escrituras, Schleiermacher finalmente entendeu o mal entendido como parte do processo de compreensão e criou maneiras para superá-lo. À primeira vista, alguém poderia dizer que Lutero e Schleiermacher eram totalmente opostos no que defendiam, mas esta seria uma visão muito superficial. De fato, um defendia a sola scriptura e o outro mais valorizava a expressão oral. Entretanto, estas duas defesas iam na mesma direção: a busca da interpretação correta e da espiritualidade verdadeira. Lutero defendia a sola scriptura quando a Igreja não valorizava e não incentivava mais a leitura da Bíblia. Schleiermacher, anos depois, defendia a valorização da expressão oral, pois o povo havia caído em outro extremo - o do desprezo ao que não fosse escrito. Ambos buscavam equilíbrio e interpretação correta.

O autor era importante para ambos: Lutero se incomodava com quem fazia alegorese sem se preocupar com o que o autor de fato quis significar no texto, e Schleiermacher defendia uma hermenêutica universal, que remontasse todo o contexto do autor, buscando minimizar o mal-entendido entre leitor e autor. Além disso, ambos defendiam métodos, valorizavam a história, tinham meticulosidade em suas pesquisas e tinham uma espiritualidade que era deixada bastante exposta em seus textos, com foco em Cristo.

Podemos concluir que Lutero de fato inspirou Schleiermacher. Este, inclusive, traduziu muitas obras do primeiro e muito o estudou durante sua vida teológica. As dimensões dessa inspiração foram analisadas aqui neste artigo, e pôde ser realizado um compilado relacional entre os dois teólogos, sabendo que a contribuição de ambos vai muito além do que aqui foi especificado e que mais obras podem ir mais a fundo a partir de cada tópico de relação aqui proposto. O resultado da pesquisa de ambos os hermeneutas podem ser vistas até o dia de hoje. A liberdade do crente ao professar sua crença, a valorização da linguagem oral nas igrejas contemporâneas, a possibilidade atual de experiências pessoais com Deus e a leitura da Bíblia disponível a todos - inclusive em versões digitalizadas e em aplicativos para celulares - demonstram que as mudanças que ambos os protestantes motivaram são aproveitadas atualmente. Hoje, um cristão pode ter a liberdade de se focar à Escritura ou apenas em podcasts se quiser. Interpretações e estudos estão disponíveis a todos que desejam. Isto começou a ser possível com a pesquisa de ambos os hermeneutas aqui analisados.

É importante lembrar sempre, que, como Lutero e Schleiermacher defendiam, o Espírito nos revela e nos explica o que precisamos entender e que cada relação de compreensão é única dependendo de quem lê. Portanto, assim como aqui foi feito esta própria leitura da teologia de ambos, outros trabalhos podem ser espiritualmente revelados a partir do que foi aqui proposto.

Referências

ALTMANN, Walter. Lutero e Libertação: Releitura de Lutero em perspectiva latinoamericana. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

BÍBLIA, N. T. João. In: BKJ Bíblia King James 1611 com Estudo Holman. 4ª ed. Rio de Janeiro: BV Books Editora, 2021, p. 1760.

DREHER, Martin Norberto. De Luder a Lutero: uma biografia. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

DREHER, Luís H. O método teológico de Friedrich Schleiermacher. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1995.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Da problemática do método ao método como problema - hermenêutica filosófica e a questão do compreender. Gragoatá, Rio de Janeiro, 23.dez.2010.

GRONDIN, Jean. Introdução à hermenêutica filosófica. Tradução Benno Dischinger. 1 ed. São Leopoldo: Unisinos, 1991. 335 p. Tradução de: Einführung in die philosophische Hermeneutik.

JUNGES, Fábio César . Hermenêutica pela História da Hermenêutica. Paco Editorial, f. 8, 2013. 15 p.

KÖRTNER, Ulrich H. J. Introdução à Hermenêutica Teológica. 1 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior [1529]. In: LUTERO, Martinho. Obras selecionadas; Vol. 2.

3.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2015. p. 325-446.

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior [1529]. In: LUTERO, Martinho. Obras selecionadas, Vol.7. 1.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

LUTERO, Martinho. As 95 Teses. Legado Reformado, v. 1, f. 23. 45 p.
